

O ESPECTRO

Admonet in somnis et turbida terret imago.
Horrido Espectro me atormenta em sonhos.

Lisboa, 4 de maio

Ainda não houve causa que tivesse mais sympathias do que a nossa, do que a que representa a junta do Porto. Aqui o povo todo a favor d'ella, no estrangeiro a imprensa de todos os partidos. O procedimento da côrte em 6 d'outubro foi o signal d'uma revolução no paiz, e fóra d'elle foi olhado como repugnante aos bons princípios, e perigoso para a corôa que entrou de parceria nos tramas contra a liberdade.

Temos publicado alguns artigos a este respeito extrahidos das folhas estrangeiras, e não publicamos a decima parte dos que teem sahido no mesmo sentido porque a pequena extensão d'esta folha o não comporta; hoje publicamos um do *Constitucional* de Pariz, no qual se prova que a nossa causa é tão popular que resiste a toda a força do governo, a todo o prestigio da auctoridade real, e que engrossa apesar de todos os seus revezes.

Faremos comtudo uma observação ao publicista francez, e é — que a junta do Porto fez já um manifesto á Europa no qual faz vêr as causas e o fim da insurreição. O povo tem assim cumprido todos os deveres para consigo, para com a rainha e para com o mundo.

A junta do Porto não rejeitará nenhuma mediação rasoavel, mas não firmará nenhuma transacção deshonesta. Fallamos com esta segurança porque são estes os sentimentos de todos os patriotas que a junta não ha de querer, nem poderia contrariar.

A mediação é feita no intuito de acabar com a guerra civil, e isto por um mutuo accordo entre as partes belligerantes. Apenas as exigencias do povo estiverem satisfeitas, e dadas garantias de estabilidade, a guerra cessa.

Se a côrte pensa que tudo se accomoda quando tiver restituído umas honras e condecorações de que ninguem faz caso, ou umas patentes e empregos que dizem respeito á classe dos empregados publicos, engana-se. A ma-

xima parte da força armada, que sauda a bandeira da junta, é popular, e não se importa com essas garatujas; o que ella quer é trabalho, pão barato, e pagar poucos tributos; o que ella quer é liberdade segura e não sofismada. A transacção, pois, que não satisfizer a estas indicações não consegue a paz, prolongaria a guerra sob outro pretexto se a junta transigisse, e seria talvez mais assolladora ainda do que essa que se quer applicar.

Paz havia-a em 6 d'outubro, e essa paz appareceu perturbada no dia seguinte. O *statu quo ante bellum* é o triunfo do partido progressista, e tudo o que não fôr isso contraria todo o accordo. Se nós temos razão queremos os proveitos d'ella; se o povo praticou um esforço generoso cumpre que depois d'elle não fique de peor condição do que estava d'antes.

A junta não pediu auxilio estrangeiro, nem mediação, porque tem força para resistir; os fracos é que commetteram essa baixeza; foi a côrte despotica quem se humilhou. Se ella pois confessou a sua fraqueza, o governo dos estados não convém aos fracos, e a mediação só póde servir para nós lhe perdoarmos as custas da demanda; que a somma pedida no libello, que são as liberdades publicas, devem ser confiadas á nossa guarda e protecção.

Já não é pouco vêr o vencedor do vencedor d'Argel humilhado diante do conde das Antas e do das Povoas; já não é pouco vêr o filho da bachanal de 6 de outubro engeitado por sua mãe, e o Saldanha militando debaixo das ordens do Bayard; já não é pouco vêr o José Bernardo perseguido por aquelles a quem elle ensinou a ser perseguidores; já não é pouco vêr a insurreição sobranceira ao mesmo throno e tractar com elle de igual para igual; já não é pouco vêr o ex-conde de Vinhaes de joelhos diante do coronel Wilde a pedir-lhe para que interceda com os populares a fim de que accitem o armisticio, que os fanfarrões que sahiam para esmagar tudo, lhes propozeram. Mas tudo

isso não era nada se a nossa sorte futura ficasse entregue áquelles que illudiram o povo, que o trahiram, e que só esperam occasião mais propria para a vingança que hoje não pódem saciar.

Toda a transacção que não prevenir estes males é impia e sacrileja; e não vingará porque o povo não recebe inspirações dos homens do protocollo, mas do seu coração que é presago, e mais puro e recto do que as intenções dos que chamam os estrangeiros contra elle.

Eis-ahi o artigo do *Constitucional* a que nos referimos:

«Pariz 7 de abril de 1847.—As ultimas noticias de Portugal são da maior importancia politica; poia ainda que os dois exercitos não operem, os acontecimentos não páram. No meio de semelhante confusão, e de uma apparente inercia, assim mesmo é possível distinguir uma solução rasoavel e praticavel concorrendo muito os movimentos da diplomacia estrangeira para dar a esta crise verdadeiro interesse européo.

«Explicaremos a causa da surpresa, poderíamos mesmo dizer, da indifferença publica, relativamente ao que se passa em Portugal. O exercito insurgido, *insurgido* (é preciso não esquecer) *em nome das leis e da justiça* conservou em respeito por espaço de quatro mezes o exercito da rainha até á occasião de Torres Vedras. Os liberaes soffrendo então um desastre retiraram-se para o Porto, e as forças militares da rainha estão acampadas ha dois mezes a algumas legoas de distancia d'aquella cidade pela mesma maneira que se conservára o exercito insurgido na proximidade de Lisboa: as forças belligerantes mudaram, por esta fórma, a sua posição relativa. Diz-se que uma tal posição não póde suscitar interesse nem sympathia, porque os actores n'esta guerra civil são em extremo demorados: queixam-se de que a acção é demorada e, como se se tractasse de uma representação theatral, a *platêa europêa* já fatigada da demora deseja mais emoções, e mais sangue derramado n'este drama politico! Sem insistirmos sobre tudo quanto ha de cruel no desprezo que se demonstra pelos soffrimentos de um povo que sustenta seus direitos, só porque taes acontecimentos não offerecem uma continuada variedade, os factos fazem bem vêr que tal accusação é baseada na ignorancia e falta de conhecimento das cousas da península: a lucta actual é viva e tenaz, essencialmente popular e politica.

«Qual é o motivo porque o exercito insurgido que soffrera um desastre tendo a fazer depois 50 legoas de marcha forçada se achou promptamente em estado de fazer frente aos seus adversarios? E porque motivo um exercito victorioso, no momento em que poderia alcançar uma grande vantagem; repentinamente parou e se reduziu á mais completa inacção?

«Responderemos pelo que diz respeito ao primeiro que soffrendo uma derrota encontrou como compensação o auxilio dos povos; quando

chegou ao Porto achava-se já igual em forças áquelles que poucos dias antes lhe causaram graves estragos; finalmente reorganizou-se apenas derrotado. Quanto ao segundo diremos pelo contrario que posto tivesse o prestigio da auctoridade real, a organização, os recursos que um governo sempre tem, e ainda mesmo a victoria, como lhe não era possível obter a sympathia das populações enfraquecia-se na proporção da sua marcha, e o resultado obtido pelo partido da revolução, mesmo depois de um desastre, prova sem a menor duvida que a revolução era popular.

«O marechal Saldanha por certo que não é um grande capitão, ainda menos extremado politico. No entanto seria injustiça argui-lo de não se mover das posições que occupa. Sendo pouco mais ou menos iguaes as forças, a derrota do marechal era inevitavel se atacasse as fortissimas posições do Porto: ao mesmo tempo que o exercito liberal composto em grande parte de forças que não são de linha poderia receber talvez bater-se em rasa campanha com tropas que se podem considerar mais regulares. Conservando-se em respeito os dois partidos sobre o principal theatro da guerra, isto por causas bem differentes, cada um tem tido cuidado de empregar em auxilio proprio as armas necessarias, o que tem feito com notavel energia e actividade.

«Os liberaes estão senhores da provincia do Minho e a de Traz-os-Moutes, em grande parte, reconhece a sua auctoridade. O Algarve, e uma parte do Alemtejo, obedecem á junta, e as duas Beiras mostram-se vacilantes. A revolução tem-se aproveitado da sympathia dos povos para enfraquecer e pôr em grande apuro as tropas da rainha, cuja posição á vista do Porto lhe não permite espalharem forças ganhando d'esta forma a revolução diariamente terreno n'esta guerra muito mais politica que militar.

«Quanto ao marechal Saldanha sabemos por noticias de Lisboa de 18 de março que elle se queixava amargamente dos ministros da rainha. Com ares de vencedor arguia o governo promettendo nos seus officios anniquillar completamente a revolução d'entro em dois mezes, uma vez que se lhe mandassem *seis mil recrutas*, e ao mesmo tempo *quatrocentos contos de reis*, munições de guerra, sapatos, etc. *Os meios de execução nunca devem embarçar* (escrevia elle aos ministros) *busquem-se os homens e o dinheiro onde se encontrar e ponham-se de parte os meios de conciliação.*

«Temos explicado a situação: as exigencias impraticaveis do chefe das tropas da rainha dão em necessario resultado a divisão dos animos em Lisboa. Diz-se que a maioria do ministerio se inclina para a conciliação, mas os *furiosos moderados*, isto é os antigos democratas, que agora são absolutistas, recusam-se a todas e quaesquer medidas de accommodamento. Imploram

auxilio de Hespanha esta negociação tractou se sem intervenção dos ministros, e só debaixo das vistas da côrte, e do marechal Saldanha. Os animos em Madrid poderiam estar dispostos em favor da contra-revolução portugueza, e os conselhos dados pelo governo francez não contrariavam por certo a má vontade da propaganda absolutista. A Inglaterra porém formalmente se oppoz á entrada de tropas hespanholas declarando que o tractado da quadrupla-alliança não fôra feito para semelhantes eventualidades, e que demais actualmente já não se devia considerar em vigor. Peusou-se então em reforçar o exercito do marechal Saldanha com soldados hespanhoes, que usariam do laço portuguez. Tambem a Inglaterra combatteu um semelhante projecto, que se fosse levado a effeito só surtiria contra seus proprios auctores por uma geral revolta suscitada pela indignação nacional. Então assistiríamos a um singular espectacula vendo, como veriamos, os soldados de Saldanha desertarem ao seu chefe para se unirem aos insurgentes e combaterem juntos os auxiliares hespanhoes.

«Depois de muitas tergiversações que perfeitamente se explicam pelos encontrados interesses do parentesco e da politica; o governo inglez decidiu-se aconselhar a rainha de Portugal para que usasse de moderação, e ao mesmo tempo se offereceu por medianoiro. O progresso que a insurreição vai fazendo nas provincias, a esperança actualmente perdida, mas por muito tempo conservada, de obter um auxilio estrangeiro concorrerão sem duvido para abrir os olhos á rainha. Os governos francez e hespanhol não pederão deixar de se unir com o fim de fazer triunfar a causa do bom senso. A força das circumstancias impelle para a conciliação, pela qual tambem nós fazemos votos. A justiça (bem o temos dito em nossos precedentes artigos) está toda da parte dos insurgentes; mas um absoluto triunfo que podesse levar até a desthronisação da rainha devia considerar-se nacional e diplomaticamente impossivel. Talvez que fóra de Portugal possam existir nos animos algumas duvidas quanto ás causas e ao fim da insurreição. Muito bom seria fazer conhecer tudo clara e precisamente. Seria talvez mesmo conveniente que a junta dirigisse respeitosa e á rainha uma representação ennumerando os aggravos, indicando ao mesmo tempo as reclamações e garantias exigidas. Isto poderia ser um meio de abreviar a transacção, successo que nos parece possivel (nós o dizemos como sinceros amigos de Portugal e da causa dos insurgentes) e o unico para desejar.»

O *Espectro* fallou pela bocca de Deus quando em 27 d'abril disse que o barão da Barca seria o ministro da guerra! Sabiamos as intenções da corte, sabiamos até que aquelle militar era o homem por quem

a rainha mostrava mais predilecção para o chamar aos seus conselhos—era o *discipulo amado*. Cumprir no assassinato do Campos devia ter uma pasta em recompensa!

Ainda bem que a côrte mostrou cedo as suas tendencias, e não engana ninguem; ainda bem que mal enxugadas as lagrimas com que se humilhou diante dos estrangeiros reincide nos mesmos erros, e chama os mesmos homens contra os quaes o povo se levantou. Não é d'este proceder que temos medo. Não são as raivas nem o odio franco da côrte que nos perdem, são as suas lagrimas, as suas caricias que nos podem illudir. Podem sim; que uma lagrima faz mais impressão n'um peito nobre que todas as iras d'um tyranno. Podem; que uma lagrima lançada no meio d'um povo virtuoso é mais forte e mais penetrante que as bayonetas dos soldados.

O pensamento politico da administração não mudou: os homens são os mesmos, e só teem diversos nomes. A parte a honestidade civil d'algun de seus membros, que não o pode preservar de muitas fraquezas politicas, o systema é o mesmo, porque são os mesmos principios, e o mesmo bando que os executa. O gabinete Saldanha era o gabinete Labral; o gabinete de 28 d'abril é o gabinete Saldanha. Não importa que persigam uns os outros, isso são questões pessoases e mesquinhas que não honram a nenhum d'elles.

O ministerio não quer paz porque cria batalhões cabralistas: o ministerio não é sincero porque accetou pura e simplesmente umas condições a que chamara deshonorosas.

A questão para a côrte e para o paiz era esta. — *E' proprio o ministerio para fazer cessar a guerra civil sem derramar mais sangue?* Não. Pois a sua missão era esta.

Para subjugar o paiz terão os alliados força, mas isso não é acabar a guerra, é começal-a, é fazer d'uma guerra civil talvez uma guerra europêa. Sabemos que a côrte tem entranhas para chamar os hespanhoes, mas tambem vemos que admittido o principio, a França não se envergonhará de passar os Pynéos como já os passou mais d'uma vez, para fazer triumphar em Madrid a sua politica, e a Inglaterra, para a qual todos os precedentes são bons porque tira vantagem de todos elles, saberá a final deduzir para si as legitimas consequencias de tantos desacertos.

A rainha na sua politica toda pessoal, toda mesquinha, toda de raivita, pensa que desarmando quatro regimentos, e garantindo meia duzia de patentes tem salvado a sua corôa, e ganho tempo para cair sobre o povo. É isto um erro fatal. Essa classe militar e funcionaria é excepcional nas nossas fileiras. O grosso do nosso exercito, a base do nosso poder é o povo. Quer a rainha esmagar o povo? Não pode; porque se o podesse já o tinha esmagado. Fazemos-lhe essa justiça.

Segundo as partes officiaes do governo o exercito popular só conta de linha os seguintes regimentos: —caçadores 2, 4 e 7—infanteria 7 e 12—artilharia 3 e 4.—O governo conta 14 regimentos d'infanteria, 5 de caçadores, 8 de cavalleria, 2 d'artilharia, o corpo d'engenheiros, e todos os immensos recursos que alardêa.

Ora se a força regular é tão desigual, a nossa superioridade não pode vir senão do paiz. A auctoridade real sempre tem prestigio, e quando esse pres-

tigio, reunido á força bruta, não pôde vencer, é forçoso confessar que ha do outro lado uma causa muito forte que desvirtua tantos meios, que inutilisa tantos recursos.

Para isto é que os homens sensatos olham, para isto é que os homens publicos devem olhar tambem.

Se hoje contamos muitos regimentos de linha, foi o povo que os formou—tudo é obra d'esse povo que não quer patentes mas liberdade, e que se houvesse uma convenção tão desgraçada, que attendesse só á sorte d'uns poucos d'officiaes, essa convenção desarmaria uns braços mas armaria outros, e a sorte do paiz seria não a mesma mas peor.

O ministerio concorrerá sem duvida para isto, porque é fraco e miseravel; mas nem sequer gozará do victoria. Atraz d'elle virá o cabralista puro e uma mais tremenda e mais horrorosa revolução.

Os insurgidos do dia 29 tomaram a estrada de Sacavem, e foram ter a Alhandra. Ahi apanharam um correio do Saldanha. Esperaram pelo vapor, embarcaram n'elle e passaram ao sul, dirigindo-se para Setubal. Parte d'elles que primeiro haviam chegado á Alhandra passaram o Tejo em barcos.

Segundo as participações officiaes do governo a insurreição começou á porta do Limoeiro, e a força que ahi estava adheriu. Esta força era do batalhão das obras publicas.

O Castello não foi tomado porque alguns dos insurgentes dando tiros antes de chegarem ás portas, fizeram advertir a guarda, que as fechou.

O quartel da Graça tambem foi accommettido, assim como o da Cruz dos Quatro Caminhos, e o arsenal do exercito.

Muitos voluntarios adheriram, e adheriria a maior parte se soubessem do pronunciamiento, ou se tivessem noticia do local aonde se deveriam reunir.

Os batalhões do governo recusavam-se a reunir, e viram-se muitos voluntarios a esconderem-se.

Os presos do Limoeiro foram soltos, e os insurgidos dirigiram-se para a Graça, e d'ahi para fóra da cidade. Frustrada a tomada do Castello, que deveria ser de certo o ponto de reunião, retiraram.

Os cabralistas que até alli pediam misericordia começaram a mostrar-se rancorosos. Os empregados publicos mostraram-se sanguinarios e ferozes.

Os presos vinham inermes. Não havia da parte d'elles a menor criminalidade—sahiram porque se lhes abriu a porta. Os empregados publicos, e uma força de cavallaria, encontrando alguns d'estes infelizes, mandavam-nos parar, e matavam-nos ao tiro! O crime das victimas era não terem uma arma para se defenderem; que dos que a tinham fugiam os cobardes, e o acto de hostilidade que praticaram era admirarem de bocca aberta e manta ás costas os edificios e as ruas de Lisboa!

A esta barbaridade chamou o governo disciplina, que S. M. víra com grande prazer.

O numero dos mortos por este modo foi grande; com as armas na mão quasi ninguem morreu.

Não sabemos quem auctorisou os empregados publicos a exercer nas ruas de Lisboa o mister de carrascos. Ninguem lhes estranharia que resistissem aos insurgidos, mas fugir d'esses e cevar a sua raiva em desgraçados inermes e uma acção que deshonra todo e qualquer homem.

O *Diario* d'hoje stygmatisa a soltura dos presos não-politicos, e chama a isso um facto escandaloso, e uma grande immoralidade.

Não louvaremos esse facto, mas que o lamentamos é a necessidade d'elle. Ninguem se ligou com facinorosos, e esse caso horrendo tem um precedente em que se funde. O imperador quando aqui entrou fez o mesmo, e Lisboa não soffreu cousa nenhuma. Se o *Diario* quer censurar o pai da rainha, a quem de certo não conheceu, ou o duque da Terceira, a quem nunca acompanhou, pôde faze-lo, mas estranhar o que tem exemplos tão auctorisados é prova de demencia.

O governo confundiu os presos politicos com os facinorosos, e quando se abrissem as portas da cadeia de certo que não era occasião para se estremarem uns dos outros. Era melhor livrar os innocentes que lá estavam, embora sahisses os culpados do que deixar gemer as victimas para não se evadirem os criminosos. Se o governo tinha igualado a prisão d'uns e outros era logico que fosse igual a sorte.

O espectáculo que se viu accusa sómente a nossa pessima legislação. Viram-se presos com a pallidez da morte pintada sobre o rosto, sem poderem andar, como se sahisses debaixo da campa do sepulchro, e é d'estes *vegetaes humanos* que se finge tanto medo, d'estes homens sem força para moverem as pernas e os braços quanto mais para manejarem uma arma! Esses facinorosos nem se armaram, nem fugiram, nem se esconderam; começaram a passear vagarosamente pela cidade pensando que era a revolução triumphante que lhes quebrava os ferros.

É o *Diario* devia lembrar-se que os roubos d'aquelles ladrões todos sommados não importam nos que tem feito alguns d'esses ministros a cujo serviço elle tem estado, nem os assassinos todos juntos derramaram tanto sangue como tem feito derramar o Saldanha, não diremos em combate leal mas nos assassinatos propriamente ditos que praticam as hordas que elle commanda.

Em quanto montam as quantias que o Sousa Azevedo e José Cabral bem como o mano Antonio extorquiram? Pois isto não são crimes politicos, são verdadeiros roubos. As *luvas* nunca foram contracto licito.

O que a civilisação reprova é que esses infelizes, embora criminosos, fossem mortos aos tiros pelas ruas da cidade quando se achavam inermes, e não faziam a menor resistencia. E essa scena de sangue louvou-a o governo!

O paquete do Norte chegou, mas não trouxe folhas nem noticias do Porto porque não tocou lá.